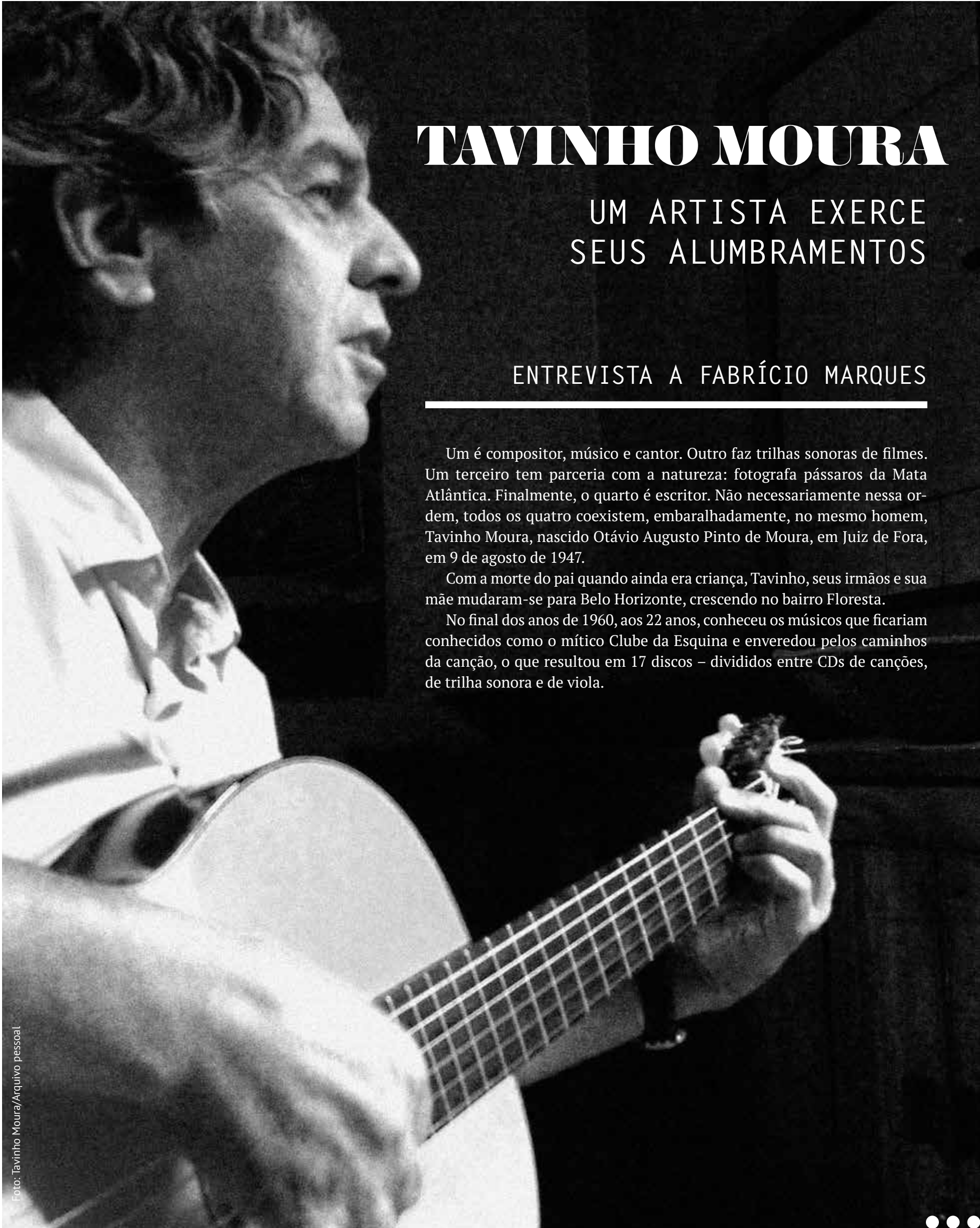




TAVINHO MOURA

UM ARTISTA EXERCE
SEUS ALUMBRAMENTOS

ENTREVISTA A FABRÍCIO MARQUES

Um é compositor, músico e cantor. Outro faz trilhas sonoras de filmes. Um terceiro tem parceria com a natureza: fotografa pássaros da Mata Atlântica. Finalmente, o quarto é escritor. Não necessariamente nessa ordem, todos os quatro coexistem, embaralhadamente, no mesmo homem, Tavinho Moura, nascido Otávio Augusto Pinto de Moura, em Juiz de Fora, em 9 de agosto de 1947.

Com a morte do pai quando ainda era criança, Tavinho, seus irmãos e sua mãe mudaram-se para Belo Horizonte, crescendo no bairro Floresta.

No final dos anos de 1960, aos 22 anos, conheceu os músicos que ficariam conhecidos como o mítico Clube da Esquina e enveredou pelos caminhos da canção, o que resultou em 17 discos – divididos entre CDs de canções, de trilha sonora e de viola.

Mas uma só vida era muito pouco para tanta expressão incontida. O artista queria mais. Em 1972, iniciou os trabalhos como compositor de trilhas sonoras de filmes, somando 13 criações para longas, reconhecidas por muitas premiações. Em 2007, estreou na literatura, com *Maria do Matué – Uma Estória do Rio São Francisco* (edição do autor), revelando nova vertente de sua personalidade.

Mais recentemente, lançou dois livros dedicados à sua persona de fotógrafo de pássaros. O livro *pássaros poemas – aves na pampulha* recebeu os prêmios Gentileza Urbana/IAB, Professor Hugo Werneck de Ecologia/Revista Ecológico e Bom Exemplo FIESP/TV Globo. *Vale do Mutum – Aves da Mata Atlântica* recebeu o prêmio JK de Cultura e Desenvolvimento/FIESP/Mercado Comum.

Para falar dos múltiplos interesses desse artista refinado, encontramos-nos entre fevereiro e maio, alternando encontros no bar do Careca, no bairro Cachoeirinha, telefonemas e trocas de e-mails.

Nesta conversa, o músico fala dos mais constantes parceiros na música e de sua carreira solo, bem como da experiência com a viola. Comenta detalhes das trilhas sonoras que criou e o trabalho com diretores de cinema, as incursões para captar imagens de passarinhos e a experiência visceral de construir um rico e definitivo personagem da literatura brasileira, a Maria do Matué.

Em tudo, fica a presença de Minas e a centralidade do verbo em tudo o que faz, como afirma o próprio Tavinho: “E tem sido assim, fica fácil entender de onde vem a minha música, ela nasce querendo ser palavra.”

O MÚSICO

Nas melodias e nas letras de suas canções, dá-se a ver toda uma Minas Gerais, aquela do Sertão, das festas populares. Qual o significado para você desse universo?

Gosto da religiosidade popular, essa sem intermediário, de sujeito que conversa direto com santo, bate tambor pra ele, canta. Nossa Senhora do Rosário – Marujos – Catopês – Caboclos – Foliões. As batalhas são dentro do peito, bravos guerreiros tocam caixas, jubilam bandeira, brincam e colorem as ruas. Uma saga de conflituadas viagens marítimas até aportarem na terra da grande alegria. A girândola, os estampidos, o mastro de pé e as fuligens que caem acessas, enquanto cantam cai fogo de arrasar. A Marujada em São Gonçalo do Rio Preto tem mais de 350 anos. É uma tradição da música em Minas. Acho importante a preservação dessas atividades artísticas populares que vão dar autenticidade à música brasileira de amanhã.

Como surgiu seu interesse pela viola caipira?

Não é tão fácil compreender a importância e a riqueza da viola no universo musical brasileiro. Existe neste instrumento, está guardado nele um estado de pureza, um sabor nativo que se revela e fortalece a brasilidade em nossos compositores. Dona de linguagem e de técnicas próprias, o que a viola expressa dá à criação brasileira estética e autenticidade. Seja como instrumento de acompanhamento, seja na alegria

buliçosa das danças de terreiro ou como instrumento de solo. Acaba aparecendo alguma semelhança com o erudito — a execução exige técnicas refinadas. Estudei muito para gravar os CDs que gravei.

No vazio da fome a travessa de maxixe, mamão verde e carne de sol. Dentro do silêncio ouço e vejo o moço preto de colarinho puído no degrau da varanda. A mão grotesca, portinariana, anuncia o mais límpido som num toque de rio abaixo. daquelas mãos escorriam sabedoria, desconhecida cultura guardada por um brasileiro do rio Gorutuba. O que ouvi ainda brinca na minha cabeça, com o céu daquela tarde, a eternidade daquele dia. Fazenda Vargem Grande - Montes Claros - Zezinho da Viola. Foi quando cantei “Naquele Tempo”, de Noel Rosa (Cabaret Mineiro). Depois ganhei de presente uma fita com gravações de Zezinho, que virou meu professor. Em outro entardecido dia peguei na viola e ponteei, criei meu ritmo e minha mão deslizou com ironia. Compus “Encontro das águas”, e aí não parei mais.

Com Fernando Brant você compôs mais de 40 parcerias. Além de canções já clássicas, como “Paixão e fé” (composição de 1975, gravada primeiro por Milton Nascimento, no Clube da Esquina 2, de 1978), vocês assinaram juntos dois projetos, “Conspiração dos poetas” (1997) e “Fogueira do Divino” (2002). Já no primeiro disco, “Como vai minha aldeia” (1978), há uma canção de vocês, “Dindilin” — muito embora a primeira parceria tenha sido “Nossa Senhora do Ó”. É claro que isso daria algumas laudas, mas gostaria que comentasse, se fosse possível, um pouco desses trabalhos (“Conspiração dos poetas” e “Fogueira do Divino”) e que você também falasse das canções que fizeram juntos e que você considera mais especiais.

A música surge como necessidade, um sentimento que aparece para receber as palavras do Fernando. O Fernando é um dicionário de poesia. Você entrega a música e ela adquire vida, a essência das palavras a torna definitiva. Vendedor de sonhos, transformador de realidades, sua poesia vem do fundo de seus segredos e acabaram construindo o caráter da música chamada de Clube da Esquina. É uma maravilha o conjunto de letras, o libreto Fogueira do Divino escrito por ele sobre a guerra dos emboabas, temática adequada para se comemorar os 500 anos do descobrimento. Posso dizer que fui movido pela sua criação para fazer as músicas. E tem sido assim, fica fácil entender de onde vem a minha música, ela nasce querendo ser palavra. Fizemos o CD “Conspiração dos Poetas” e depois o show por mais de 20 anos, viajamos “pra daná” contando e cantando as histórias de nossas vidas e de nossas músicas.

Outros dois parceiros recorrentes são Márcio Borges (“Como vai minha aldeia”, “Cruzada”, “Corte Palavra”, “Viagem das Mãos”) e Murilo Antunes (“Findo amor”, “Tesouro da juventude”, “O trem tá feio”, “Boi é gente”).

“Como vai minha aldeia”, “Cruzada” e as outras são quase sempre parcerias de vida, de situações vividas conjuntamente. Íamos sempre ao Rio de Janeiro, eu voltava cantando sambas; Marcinho, Beatles. Ele fala várias línguas e acho que isso ajuda na linguagem que usa, é mais

experimental, as palavras ganham significados mais amplos. Marcinho tem um girassol no coração que o mantém ligado e funciona como um motor de desejos. Ele expõe o amor em pedras de ferro, anéis de ouro, aço aço, em versos às vezes ferinos, sabendo que de tudo se faz canção. Tem o olhar acesso de quem foi criado no escuro da sala de cinema. Fez recentemente a tradução para o inglês dos textos que criei para meu livro “Vale do Mutum – Aves da Mata Atlântica”. Nossa amizade é movida a emoções, sempre que a gente se vê há certos abalos.

Murilo Antunes é parceiro e cúmplice em “Cabaret Mineiro” em que fez assistência de produção. É meu reforço norte mineiro. Somos regionalistas, com nossas temáticas somos caboclos, guerreiros. Um enxame de abelhas quase nos apanhou dentro de uma igreja numa festa em São Gonçalo. Ele já apareceu com uma idiomática diferente, sua poesia fala mais diretamente sobre questões da vida, da política, do Brasil. É o que determina sua maneira de pensar e escrever e demonstra a luta que vive em busca do verso certo, como se tivesse uma obrigação. Murilo é de Pedra Azul, eu de Juiz de Fora, o mundo então fica pequeno porque somos do mesmo mato. Ele tem as fórmulas de como se faz uma boa poesia e eu gosto muito de seu idioma próprio.

Você já gravou música do Beto Guedes e vice-versa. Ele participou de discos seus, e você dos dele. Juntos vocês fizeram apenas “Rio Doce” (com participação de Ronaldo Bastos)? No primeiro disco do Beto, há uma música sua com o Zé Eduardo. No segundo disco, você participa de seis ou sete faixas. Depois, participou dos outros todos. O Beto também participou do “Como vai minha aldeia”, cantando “Cruzada” e tocando bateria em outra faixa. Musicalmente, quais as características que uniram você e ele?

Fizemos também “Era Menino”, com Murilo Antunes. Papagaios tridimensionais, aeromodelos, marcenaria, música. O Veveco (apelido do arquiteto Álvaro Hardy, 1942-2005) gostava de dizer: um gambá cheira o outro. As afinidades foram aparecendo como uma espécie de necessidade, a gente se aprendia dedicando muito tempo na prática dessas coisas. Ele é um criador, muito habilidoso no trato com instrumentos e até na criação de alguns deles. Mas ele tem seu próprio ambiente, que desenvolveu no transcurso da vida, e eu o meu. É a evolução de cada um, nossa convivência tem repercussões muito positivas.

“Minhas canções inacabadas”, uma marcha dobrada de marujada, tem história curiosa. Você ganhou a letra do Ronaldo Bastos em 1982, para ser usada no disco “Engenho Trapizonga”. Você a perdeu e só foi reencontrá-la mais de 30 anos depois! Você já tinha feito também “Noites de junho” e “Rio Doce”, não é?

Ronaldo Bastos cheirava a mar. Pôs o pé na estrada como guerreiro da palavra, da poesia dita na rua, da distribuição de poemas mimeografados.

Andava com Maiakovski no bolso. Agora quer morar no Alecrim, no pé da Serra Geral. Fizemos “Rio Doce”, “Folia sorriso de nuvens”, “Noites de junho”, também “Engenho Trapizonga”. Sua poesia é sem limites. Seus versos: fonogramas de diamante. E claro, inúmeros discos de ouro. Me entregou uma letra que guardei e nunca soube onde. Trinta anos depois, ela caiu dobrada de um livro. Imediatamente fiz a música “Minhas



Tavinho com Fernando Brant, Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges

Canções Inacabadas”. Estamos sempre nos prometendo fazer mais. “O Anjo na Varanda” virá por uma nuvem cigana.

Com Milton Nascimento, são três músicas: “Em poucas palavras”, “Noites do sertão” e “A primeira estrela”. Você pode comentar as circunstâncias de criação dessas canções?

Tivemos um período grande de muito boa convivência. Ele morava na cidade e a gente se via muito. Fez pra mim a letra de “Em poucas palavras”. Depois, nas filmagens de “Noites do sertão”, combinamos de fazer “A primeira estrela”. Havia o momento político, nossas ideias, esperanças. Projetamos alguém que conhecesse nossa causa, que, como num sonho, trouxesse entendimento, delicadeza, harmonia. Um irmão que com as mãos desenhasse a vida. Depois, como anjo negro que é, deixou comigo sua existência e foi procurar outros sonhos. Nos prometemos muitas coisas que ficaram pelos céus. Continuamos companheiros de vida e melodias. Fizemos um bonito show em 2011 no Instituto Tom Jobim pelo Dia Mundial da Água.

No “disco do tênis”, do Lô Borges (1972), a música de abertura é uma parceria de vocês, “Você fica melhor assim”. Você e o Lô chegaram a fazer outras músicas?

“Você fica melhor assim” foi filha única até outro dia, quando fizemos “Sempre nós dois”, ainda inédita. Me convidou e gravei com ele a música “Refugiados”. Tenho pelo Lô Borges uma admiração particular. Somos



Foto: Tavinho Moura/Arquivo pessoal



cada um na sua, mas temos uma amizade sólida. Aprendi com ele que fazer música é um ato de prazer. Ele é carinhoso com o que faz, sofisticado e simples. Pra mim é um compositor único, o mais instigante desde quando o conheci. Sabe o sociocultural e a língua que é falada no bairro de Santa Tereza. Parece que repensa e traduz esse conhecimento em cada música.

Uma de suas marcas são os arranjos para músicas tradicionais e populares, como “Cálix Bento” e “Peixinhos do mar”. Como é o seu processo de captação dessas músicas, e como se dá a “transformação” para algo de sua autoria?

“Cálix Bento” veio da minha infância, das férias que passava em Porteirinha onde ouvi pela primeira vez os foliões dos Gerais, com instrumentos construídos por eles e cantando em grosso embolado de voz. Mas essa letra me foi dada por D. Lia, e para fechar musicalmente os versos emendei melodias de duas músicas diferentes. Claro que dentro de uma harmonia própria e transformando tudo em uma canção. E tem as adaptações feitas para os filmes do Carlos Alberto Prates Correia – “Cadê machado”, “Flor roxa”, “Dona Mariana”, “Benzinho dos outros”, “Fazendeiro rico” e outras...

“Peixinhos do mar” é marujada, também com a primeira parte de uma música e a segunda de outra. Tinha uma estória de uma peça de teatro infantil, “A Lenda do Peixe Vivo”. O Peixinho do mar era para ser o personagem principal – o Peixe Vivo. Mas ficou tudo só nas músicas: “Peixinhos do mar”, “Peixe vivo”, “Calmaria”, “Que Bento é o Frade”, “Gente que vem de Lisboa” e outras.

Na trilha de “Cabaret Mineiro” (1981) você canta duas canções de Noel Rosa. E em “Minhas canções inacabadas” você apresenta sua versão de “Vai pra casa depressa (Cara ou coroa)”, de Noel Rosa e Francisco Mattoso. Como anda o projeto de um CD só com músicas do Noel? Gostaria que comentasse também o fato de que, na época do Clube da Esquina (início dos anos 70), você foi aquele que chamou a atenção da rapaziada para o samba – para nomes como o próprio Noel, Cartola, Nelson Cavaquinho. Por que você diz que o espírito do samba te ajudou muito a encontrar seu caminho na música, mesmo que sejam caminhos muito diferentes?

Noel Rosa deixou de lado a medicina para ser compositor de música popular. Uma atitude semelhante à de muitos compositores atuais, sua vocação musical falou mais alto. Começou o samba “Com que roupa” com a primeira frase do hino nacional. Noel Rosa não fazia simplesmente um samba. Tinha consciência do que estava fazendo. Quando se fala Noel Rosa se confunde vida com música. Recriou a linguagem popular, suas letras se confundem com a poesia modernista. Afirmou que o samba era coisa nossa, muito nossa. Noel Rosa, Villa Lobos, Dorival Caymmi deveriam ser referência para todos os autores da nossa música. Noel, assim como Villa Lobos, nos deixou um guia prático, só que do samba. Também a boemia, o inconformismo. Era um criador compulsivo, faleceu aos 26 anos e compôs mais de 200 músicas. “Conversa de Botequim” e “Cara ou Coroa” são lembranças que tenho de música na infância. Gravei no Poleiro de Angola do Henrique Santana um CD com repertório de Noel Rosa. Preciso parar e ver o que posso fazer para melhorar as faixas que ficaram carentes. Criei boas introduções e harmonias, que são o grande truque para que as músicas fiquem originais e eu possa cantar como quero. Espero poder mostrar o CD ainda este ano. As composições de samba sempre foram uma paixão. Será que é porque nasci em Juiz de Fora?

Como foi a gravação com a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, em 2004? Como avalia o resultado? Lembra de algo interessante do dia da gravação?



Minhas músicas foram parar na casa do saber: Orquestra Sinfônica. Vivenciei o reconhecimento, embora fosse necessário entender que sou um compositor de música popular, mas me senti gigante pelo que sei que é autêntico e criativo. O aceno de alguns músicos em determinados trechos e os comentários do Wagner Tiso apaziguavam meus conflitos. Minha música estava sendo executada pelas mãos de quem conhece e fica difícil dizer o que foi mais importante. O resultado me deixou em destaque. Tenho um CD "Tavinho Moura, Wagner Tiso e Orquestra Sinfônica de Minas Gerais".

No início de sua carreira, por volta de 1974, você integrou um grupo chamado Corte Palavra. Por que vocês decidiram pelo formato viola, violão, bandolim e contrabaixo?

Até hoje persigo esse formato. Sempre quis fugir um pouco da formação baixo, guitarra, piano e bateria. O som do Corte Palavra era muito especial e original, ficou registrado em algumas faixas do LP "Como vai minha aldeia".

"Fogueira do Divino" aborda a formação do povo brasileiro, resultado da miscigenação de índios, portugueses e negros. A Festa do Divino é uma das maiores manifestações religiosas e culturais do país. O musical conta com a direção de Márcio Borges, arranjos de Nivaldo Ornelas e regência de Nelson Ayres para o acompanhamento da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, e a participação de talentosos músicos, do grupo Voz&Cia e dos solistas Alda Rezende, Marina Machado, Anthonio, Sergio Santos, Mariana Brant, Cláudia Valle e Grupo Tambolelé. Pode-se dizer que a opção por apresentar uma variedade de ritmos – como toadas, congadas, jongos e catiras – é uma metáfora para a diversidade humana do Brasil?

Fogueira do Divino é a fusão das raças. Quem não fosse colonizador, bandeirante, paulista, nem tivesse espírito de colonizado era chamado emboaba. Era gente vinda de todo o país. O sentimento libertário dos emboabas foi responsável pela primeira guerra civil e pelo primeiro governo escolhido pelo povo nas Américas em 1709. A cultura e a história do século dezoito em Minas vêm daí. Aí está a raiz de Minas, do Brasil e da nacionalidade. *Montani semper liberi*.

Falando de "Beira da linha", você observa: "tocar viola é uma espécie de filosofia, de ideologia, onde, para você se integrar é preciso um mestre e os meus foram Zezinho da Viola e Renato Andrade". Pode explicar como é essa ideologia da viola? E o que você aprendeu com esses mestres sobre a arte de tocar as dez cordas? (nesse disco, você toca uma de suas três violas, não é? A que o luthier Vergílio Lima, de Sabará, construiu, caracterizada pela cintura fina e nitidez sonora).

São muitos os festins da indústria cultural apregoando o fim da história, apostando numa cultura massificadora sem multiplicidades e sem passado. Tocar viola é se esquecer no tempo. Ir para misteriosas paisagens, desacorrentado, solto como bicho. Num riachinho de águas mornas ouvir o coro dos peixes. Depois compor um quadrado junino, um

juramento de bandeira, o canto da anhuma. Zezinho da Viola foi meu mestre, então a ele devo confiança, saber e obrigação. Eu não tocava viola, mas ela estava sempre do meu lado. Renato Andrade me viu tocando e gostou de ver que não era imitado. O Vergílio fez pra mim uma viola especial, resultado de uma pesquisa de muitos anos. Um instrumento primoroso pela maciez e afinação.

"Agosto", por exemplo, surgiu em Barra do Guaicuí, no Norte do Estado, onde você tem casa. Algumas moradoras da região te ensinaram os passos do carneiro (dança típica, só de mulheres).

Seguindo a correnteza, o terno da marinheira, no barro da rua estreita, chegando dessa maneira: zum zum zum que maldade, zum zum zum a saudade. Foram chegando aquelas mulheres morenas, fortes, em alegres vestidos, pedindo permissão para arrancar com os pés os matos do chão. As senhorinhas dançaram no meu quintal, davam umbigadas, se divertiram à moda delas e só pararam quando os homens que batiam caixas foram resgatados por suas mulheres. Me contaram que no tempo do vapor iam para o porto dançar, eram o Terno das Marinheiras da Dança do Carneiro.

"Paixão e fé" foi feita originalmente para um audiovisual, em 1975. O Zé Luiz Pederneiras, do Grupo Corpo, fotografou a procissão de Diamantina, com a rua toda desenhada, e você fez a música. Você lembra de algum detalhe da criação dessa música?

Isso é um mistério. Me esforço para lembrar, mas não acho, deve ficar guardado no inconsciente. Do jeito que eu sou eu faço minhas músicas, são casuais, mas eu faço o que acho correto com minha lírica própria. É pessoal, só eu estou presente, uma questão íntima e sou o único responsável. Onde eu estava mesmo quando fiz aquela música? Lembro que com o audiovisual ganhamos o primeiro lugar no Salão Global de Inverno.

O Festival de Belo Horizonte foi em 1969. Podemos dizer que ele foi o início de tudo, já que foi nele que você fez amizade com Beto Guedes, Lô Borges, Toninho Horta, Márcio Borges, Fernando Brant... "Como vai minha aldeia" ganhou segundo lugar, na interpretação do Marilton Borges. O festival registrou outras participações importantes, como "Equatorial" com Lô e Beto; "Clube da Esquina", também defendida pelo Marilton. E o júri final era composto por nomes como Egberto Gismonti e Nelson Motta. Pode-se dizer que a partir desse evento é que consolidou a ligação entre vocês (digo, com Beto, Lô, a turma do Clube da Esquina?)

Foi realizado na Secretaria de Saúde, onde é hoje o Minascentro. Ali começou o clube dos gambás. Grande orquestra sob a regência de Aécio Flávio. Marilton Borges, Joyce, Eduardo Conde, Nivaldo Ornelas, Beth Carvalho, Malu Balona, Lô, Beto, Toninho, Sirlan. Organização impecável com a apresentadora e atriz Lady Francisco. "Águas claras", "Clube da Esquina", "Como vai minha aldeia", "Refractos", "Equatorial", "Iara bela", "Canto de desalento". Depois do festival Marinho e Fernando fizeram um roteiro e foi realizado no Teatro Marília um show com o cantor Eduardo Conde, vencedor do festival. Depois veio O Fio Da Navalha e aí

a casa dos Borges. Os Clubes da Esquina de Milton Nascimento. Foram muitas as coisas que contribuíram para que a gente se mantivesse juntos.

Além desses discos, saiu em 1999 um CD-brinde no “Jornal do Brasil” com a música “América”. O hino do clube foi registrado em alguma outra gravação?

Regravei essa música em outro tom para que a charanga pudesse tocar. Mas aí já era. No tom original a música era difícil de ser executada. Eu não percebi e ninguém chamou minha atenção para as dificuldades. Quanto a hino eu sempre me posicionei diferente. O América tem um hino e não seria eticamente correto. Fizemos uma música para o América, que gostamos muito, nosso hino.

Como anda o projeto em que você poderá ganhar caixa semelhante à que foi produzida para o baiano Elomar, incluindo cadernos com partituras de suas músicas e livro sobre seu universo sonoro e suas referências? Já terminou? Tem previsão de lançamento?

O projeto está aprovado no Banco Itaú. Agora o Ivan Vilela tomou frente e disse que os alunos da USP vão fazer as partituras, será?

O COMPOSITOR DE TRILHAS DE CINEMA

Fazer trilhas foi algo que surgiu por acaso ou você já planejava isso?

Nem imaginava. Fiz trilhas para filmes de super-8 com o Maurício Andrés, audiovisuais com José Luiz Pederneiras e um curta metragem sobre fazendas mineiras do século XVIII com o Flávio Werneck. Foi como comecei. Depois tinha o CEC (Centro de Estudos Cinematográficos), o CEMICE (Centro Mineiro de Cinema Experimental) e os amigos que queriam fazer cinema.

Sua estreia em trilhas foi com “O Homem do corpo fechado”, de Schubert Magalhães (1972). Nesse filme, você também foi assistente de produção, está correto? O violeiro Renato Andrade também faz uma participação importante no filme. Sua primeira parceria com o Fernando foi para essa trilha, não é?

Schubert imaginava nos arredores de Diamantina encontrar seu Monument Valley. John Ford era um compromisso. Guimarães Rosa também. Schubert pensava cinema, para tudo tinha lente, enquadramento. A imponência e a influência que a natureza exerce sobre o homem do sertão eram elementos importantes. Ele nasceu em Cachoeira do Pajeú, gostava disso. “O homem do corpo fechado” poderia ser uma autobiografia imaginária. Os planos gerais, a grandeza daquelas paisagens e Renato Andrade presente como homem do sertão com toda sua nobreza. Criei o tema de amor, dos jagunços, a música de fechar o corpo. “Nossa Senhora do Ó” composta para essa trilha é uma parceria com Fernando Brant, mas a letra e o título vieram depois do filme já pronto. Fui também assistente de produção.

Schubert Magalhães nasceu em 1936 e morreu em 1980. “O homem do corpo fechado” foi considerado o primeiro faroeste

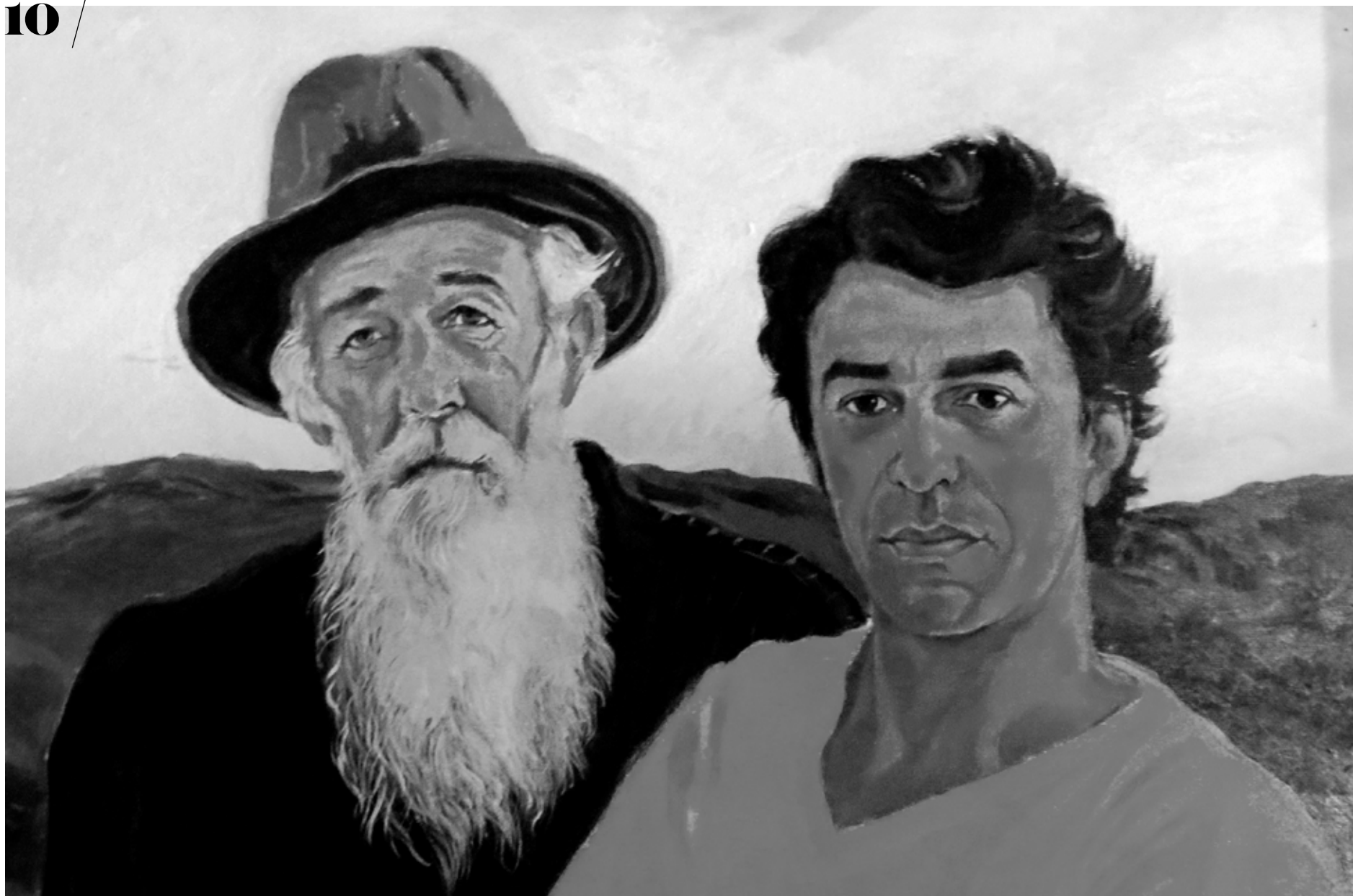


O disco de "Cabaret Mineiro", que saiu lacrado e com tarja proibitiva

brasileiro autêntico, "um filme com herói e vilão, plantado numa realidade histórica e sem nenhuma afinidade com os filmes de cangaço", como está descrito nos créditos do cartaz de lançamento. O que você trouxe dessa primeira experiência?

Schubert queria fazer um filme onde cada palavra, cada plano tivesse um sentido pessoal e singular. Documentou de forma preciosa o homem e seu cotidiano no sertão mineiro. John Ford poderia ser pai ou avô da sua história. Para os dois, cinema e vida eram uma coisa só. A estética do cangaço é outra, não tem cavalos e cangaceiro não é vaqueiro. Fizemos minucioso mapa do dia a dia das filmagens. Conselheiro Mata, cidadezinha onde Helena Antipoff deixou semente. Uma Escola de formação de professoras rurais. Toquei na formatura, Flávio Werneck se casou com uma formanda. Senhora da Glória – Antonino, um sertanejo que via discos voadores e descrevia com minúcias como era esperar a parceira para o amor no mato. As águas do rio das Velhas carregam histórias, Seu Antonino tinha olhos embaçados e sabia contá-las. No sertão o sol nasce amarelo, morre vermelho, mas antes deixa no céu uma linha cinza. Como disse John Ford: o horizonte é mais importante que o cavalo, que o cowboy.

Carlos Alberto Prates Correia (nascido em Montes Claros, em 1941) iniciou sua carreira cinematográfica em 1965, como continuísta de “O padre e a moça”, de Joaquim Pedro de Andrade. Sua produção se destaca especialmente nos anos de 1980 – no total dirigiu seis longas-metragens e dois curtas em 40 anos de carreira.



Manoelzinho e Tavinho – Óleo de Sandra Bianchi.

Em 2013, ganhou uma mostra integral de sua obra no CCBB (Mostra do Filme Livre), no Rio de Janeiro. Segundo Ismail Xavier, “Prates conseguiu abordar uma região de Minas que já havia sido retratada por Guimarães Rosa com tonalidade mais leve e originalidade de estilo”. O que você aprendeu fazendo trilhas para os filmes de Carlos Alberto? Em um período de mais de 30 anos, foram cinco filmes: “Perdida” (1976), “Cabaret mineiro” (1980), “Noites do sertão” (1983), “Minas, Texas” (1989) e “Castelar e Nelson Dantas no país dos generais” (2007) – e em alguns deles você também foi assistente de direção, não é?

“Perdida” e “Como vai minha aldeia”. Meus discos foram seguindo os filmes do Carlos Alberto. Minha convivência com ele determinou muito da minha música. Cantávamos o tempo todo. Ele é uma enciclopédia. Algumas trilhas nasceram dessas cantorias. Seu cinema montesclarensense veio de sua família, sua terra, da Praça da Matriz. A música de “Perdida” veio de nossos entusiasmos noturnos: Cantina do Lucas, Lamas, Largo do Machado e das canções que ele ouviu na infância. Eu entrei com as originais do repertório do Corte Palavra. A trilha sonora recebeu os prêmios Governador do Estado de São Paulo 1978 e Coruja de Ouro 1978.

E “Cabaret Mineiro”?

“Cabaret Mineiro”, um filme etílico-musical, nas palavras do diretor. Um jogador de baralho é que conduz a narrativa de percurso desconexo onde a ficção poética e o real se confundem. A estrutura ficcional

pode ser etílica. Não tem importância onde você começou a beber nem quando vai parar. O importante é o tempo que permaneceu embevecido. É uma viagem imaginária e onírica pela cultura brasileira. O poema de Drummond na voz de Tânia Alves represa nos olhos a emoção. O tema para Salinas: três pianos sobrepostos. Paixão assa a adolescente no espeto: se ouve pela primeira vez os sons do Uakti e o filme ganhou uma suíte, a “Suíte do Quelemeu”. Meu personagem canta entre jardins e varandas versos de Noel Rosa. Especial foi acompanhar todo o trabalho do Carlos Alberto, ter trabalhado em várias etapas, inclusive como ator. Música, coreografia – diálogos cantados – um musical norte mineiro. Recebeu o Candango de melhor trilha sonora no Festival de Brasília 1983 e o Kikito de melhor trilha sonora no Festival de Gramado 1983. Depois veio o disco da EMI logo censurado. Liberado, mas lacrado e com tarja proibitiva. Logo depois, proibido definitivamente.

“Noites do Sertão”...

Em uma entrevista, Guimarães Rosa disse: meu método implica utilizar cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, limpa de impurezas da linguagem cotidiana, e reduzi-la a seu sentido original. Eu queria uma música que tivesse sertanidade, uma matéria sonora em estado virgem, coisas de meu contato íntimo com a música do sertão, uma sugestão que se transformaria em meu idioma próprio. Nasceram “Buriti”, “Roseozins de nuvens”, “Noites do sertão”, “Maravilha vilhama”, “Horas almas”, “Espampã fogueira” e outras. E tinha o Milton

como ator, que logo após as filmagens escreveu a letra e gravou “Noites do sertão”: *Não se espante assim meu moço com a noite do meu sertão. Tem mais perigo que a poesia do que o jogo da razão.*

Assistência de direção não faz parte de minhas ambições, gostei e aprendi muito ajudando o Carlos Alberto. Kikitos de melhor música original e de melhor trilha sonora no Festival de Gramado 1984. Candango de melhor trilha sonora no Festival de Brasília 1984. Melhor trilha sonora no Festival de Caxambu 1985.

Que lembranças tem de “Castelar”?

“Castelar e Nelson Dantas no país dos generais”, um semidocumentário que busca promover o inventário de bens com certo valor deixados por alguns cinéfilos e cineastas em sua passagem por Minas Gerais. Sou o ator principal, homenagem a Schubert Magalhães. Faria papel duplo, mas para isso deveria perder alguns quilos, pois meu segundo personagem (Castelar) tinha compromissos com o real, eu com a cerveja. Carlos Alberto julgou minha cintura um tanto proeminente, bem ao estilo Oliver Hardy. Acabei sendo cortado como Castelar, mas minhas músicas estão presentes em várias sequências. Prêmios de Melhor Montagem e Melhor Filme do festival de Gramado 2007.

Em alguns dos filmes do Carlos Alberto você também fez ponta como ator. Como foram essas participações (uma sequência em “Cabaret mineiro” e em “Perdida” – há outras)?

Participo como ator em todos os filmes. O Fernando Brant dizia que eu era o Hitchcock do Carlos Alberto.

Da mesma forma que em muitas músicas suas, o universo da “Minas-Grande Sertão” também está presente em muitas das trilhas que você compôs – nos filmes “O Bandido Antônio Dó”, “Cabaret Mineiro”, “Noites do sertão” e “Minas, Texas”, por exemplo (sem contar que outros se passam na Minas urbana, como “Amor & Cia.” e “Idolatrada”). O que você poderia destacar sobre isso, ou seja, a afinidade eletiva que você tem com esse mundo e o diálogo entre imagem e trilha?

Eu me sinto apegado ao sertão. Mesmo estando em Belo Horizonte. Destes que você citou só “Amor & Cia.” e “Idolatrada” fogem a essa temática. “Amor & Cia.” é um filme de época, uma comédia dramática baseada em Eça de Queiroz, um clássico. Os temas e vinhetas gravados com orquestra acentuaram o drama, mas às vezes a música é irônica, cômica até. Trabalhei com o Helvécio em mais dois filmes: “O mineiro e o

Grão Mogol: paisagens,

ambientes. E, nisso, essa cidadezinha é imbatível.

Ruínas, música, imagem:

flores perdidas no azul,

cachoeira ensombrada, vento

modelando capins, a terra

e seu lume. Ficamos

isolados, longe de tudo,

entre becos e ruas de

pedras frias. Contria:

nossa Hollywood perdida.

Ruas de terra, sem postes

e fiações elétricas.

queijo” (2014), um documentário poético sobre o queijo minas, e o curta-metragem “Mercado Central”. De “Idolatrada” me lembro do choro “Mariposa da luz”, de Neusa França, mãe da atriz Denise Bandeira, e que Paulo Augusto Gomes me pediu que ouvisse George Delerue. De minhas composições lembro pouca coisa, nunca mais vi o filme. Paulo Augusto ficou de me dar uma cópia. A mesma coisa acontece com os filmes do Paulo Leite Soares. Foram trilhas criadas e muito trabalhadas e não tenho cópia. Minha música veio acompanhando os filmes que fiz, é assim Minas-Grande-Sertão por opção. “Amor & Cia.” recebeu o prêmio de melhor trilha sonora no Festival de Cinema de Miami 2000.

A trilha de “Perdida” foi gravada com o pessoal do Corte Palavra, e o Murilo Antunes aparece como letrista em duas canções.

A trilha foi gravada pelo Corte Palavra e sempre que ouço me comove. Acho bom isso. Corte Palavra me levou a gravar meu primeiro disco, “Como vai minha aldeia”. Murilo Antunes é parceiro nas músicas “Mauá de Baixo” e “Montanhês Danças”.

No “Cabaret mineiro”, que teve locações em Montes Claros, Grão Mogol e Contria, você também trabalhou como assistente de direção? A música homônima é um poema do Carlos Drummond de Andrade que você musicou. Ele chegou a ver a sua gravação?

Montes Claros: o pequeno Cabaret construído no salão da casa paroquial, *A dançarina espanhola dança e redança na sala mestiça*. Todos absorvidos pelo filme. Realidade difícil com muita criação. Grão Mogol: paisagens, ambientes. E, nisso, essa cidadezinha é imbatível. Ruínas, música, imagem: flores perdidas no azul, cachoeira ensombrada, vento modelando capins, a terra e seu lume. Ficamos isolados, longe de tudo, entre becos e ruas de pedras frias. Contria: nossa Hollywood perdida. Ruas de terra, sem postes e fiações elétricas. Soroco, sua mãe, sua filha, o trem das loucas: *Adeus, adeus minha querida senhora...* iam cantando com elas até onde fosse aquela música. Essas cidades ficaram guardadas e volta e meia estão me chamando. Rita Maciel trabalhou no Cabaret, era amiga de Drummond, levou pra ele o LP.

“Minas, Texas” apresenta uma divisão curiosa de Minas: até Curvelo é o Colorado; de Curvelo até Corinto, é Texas. De Montes Claros pra cima é Texas, todo mundo armado, de bota. Ainda hoje vale essa divisão?

Carlos Alberto me deu para ouvir um LP da trilha de “Johnny Guitar”, do Nicholas Ray – e uma fita de vídeo com episódios do seriado “Nyoka,



Tavinho em ação: a riqueza da busca, da percepção acuidosa

Rainha das Selvas”, que assisti na infância. Disse que queria uma trilha com arroubos Stravinskyanos. Queria me ver de viola em punho. A trilha se expandiu em formas e prazeres os mais diferentes. *O que é que há o que é você dizendo que é Tyrone Power, porém com essa cabeleira você parece Ava Gardner.* “A pérola e o rubi”, “Oh The Old Texas Of My Dream”, “Flor roxa – Roy Pereira e sua inimiga Bel”, os dois arrastam asas numa coreografia de olhares e passos de lobo. No retorcido cerrado, as torres de eletricidade, aquelas esculturas gigantescas contra o flamejante horizonte, eram nossos Minas, Texas. Onde fica o Texas? O Colorado? Só perguntando ao Carlos Alberto. A trilha recebeu o troféu Candango de melhor trilha sonora no Festival do Cinema Brasileiro de Brasília 1989.

Em “Amor e Cia.”, do Helvécio Ratton, com Patrícia Pillar e Marco Nanini, você também faz uma ponta, cantando “Isto é bom”, que foi gravada por Xisto Bahia em 1902, talvez a primeira gravação feita no Brasil, em 1902.

“Isto é bom” foi um achado do Helvécio, tem tudo a ver. Primeira gravação para as Casas Edson.

“O tronco”, de João Batista de Andrade é uma adaptação do livro de Bernardo Élis e se passa em Goiás. De certa forma, volta aqui o sertão. Nessa trilha você fez a experiência de tocar viola com orquestra. Como foi essa experiência?

Foi mais um trabalho com orquestra, pouca coisa com som de conjunto. Gosto muito de tudo o que compus. A viola comeu solta. O difícil era tocar em pulsação que não atrapalhasse a maneira como a orquestra toca, rigor rítmico, sem deixar que a viola perdesse suas manhas, suas características. Deu certo. A trilha saiu em CD.

O FOTÓGRAFO

Em um depoimento para o site do Clube da Esquina, falando sobre sua infância no interior mineiro, você disse: “Juiz de Fora pra mim era passarinho”. Gostaria que comentasse essa afirmação, e de que modo o contato com as aves influenciou sua formação humanística, se podemos dizer assim.

Levando assim ao pé da letra fica difícil. Eu pensava em liberdade, em como brincava solto na rua de um bairro novo, com casas apenas de um lado. Defronte um brejo, um jardim nativo com campinho de jogar bola, nascentes e pedreiras espaçadas donas de muitos esconderijos. Não sei como aprendemos, sabíamos a migração das aves, quem chegaria e quando. No começo das chuvas, de manhãzinha, dava pra saber quem chegou. Hoje, eu passarinho. Quando vou pro mato volto pra minha rua.

Seu primeiro livro com registro de aves foi o *pássaros poemas – aves na pampulha*, de 2012, com 150 espécies. Este livro traz textos de outros autores, mas também poemas de sua autoria. No final de 2015, saiu *Vale do Mutum – Aves da Mata Atlântica*, com fotos de 127 espécies de pássaros (e 10 outros bichos) feitas em

florestas ao redor dos municípios mineiros de Ipaba, Ipatinga, Belo Vale, Rio Piracicaba e São Gonçalo do Rio Abaixo. Somando as fotos dos dois livros, há quase 300 espécies de aves, não é? Mas o seu acervo tem um número maior de espécies fotografadas? O que pesou na seleção, para excluir as que ficaram de fora?

Estou fazendo agora uma seleção, coleção das espécies que fotografei. Estou perto de setecentas, incluindo espécies amazônicas. A Pampulha surpreendeu, em cinco anos registramos quase 200 espécies, sendo que seis delas com o primeiro registro para Belo Horizonte e região. No Vale do Mutum a pesquisa foi em áreas onde existem plantações de eucalipto e foram deixados alguns nichos de mata nativa. Quanto aos livros, pesou uma seleção natural das fotos e das aves mais representativas, e também o limite de páginas que eles poderiam ter.

Quais os cuidados que um fotógrafo de pássaros precisa tomar para que tecnicamente os registros fotográficos sejam bem-sucedidos?

É importante fazer parte da natureza. Ter mão firme e uma câmera razoável. Ter asas nos olhos. Não deixar a emoção tomar conta. O que você quer está camuflado, o tempo será breve, o passarinho suave se propõe. Torcer para que ele pouse no claro.

De algum modo, depois de apurar o ouvido para escutar o canto dos pássaros, isso serve de inspiração para compor melodias?

A escala deles é outra. A gente chama de música, mas é silvo serenado.

De modo geral, qual o melhor período para fotografar as aves? Por quê?

Pela manhã, nas primeiras refeições. Os frugívoros vão procurar frutas; os que gostam de semente, o capim; o beija-flor as florações etc.

Qual o recurso utilizado para atrair as aves mais raras? Gostaria que comentasse como foi o processo de fotografar o saci (*striped-cuckoo*), ave que você levou muitas décadas para ver ao vivo, bem como o Mutum (*Crax blumembachii*).

Numa passarinhada alguém tocou um playback. Ele veio pelo chamado da fêmea. Ouço o saci cantar desde menino, esperei sessenta anos para ver um e fotografar. O Mutum foi na fazenda Macedônia, onde houve a reintrodução de várias espécies. Na mata a gente ouve o rosnado desconfiado. Seu Francisco é quem dava o complemento alimentar, coisa que hoje já não acontece mais, mas fomos juntos até onde ele batia na

O mais importante pra mim

é mostrar o que existe

e que diante da beleza

não se destrói. Sabemos

que a questão é séria. O

extrativista do palmito,

da madeira, o pescador, o

caçador destrói em nome

da fome. O paulista, em

nome do progresso. Sopra

o vento dos incêndios de

outubro, veredas sangradas,

cerrado abrasado.

vasilha, ele bateu e o Mutum apareceu.

O livro *Vale do Mutum* (2015) é resultado de cerca de 50 visitas à região de Ipaba, realizadas ao longo de três anos, tendo como referência cidades onde a Cenibra tem plantações de eucalipto. Você faz parte de um grupo de observadores de aves, o Ecoavis. Os ecoavianos de Ipatinga conhecem bem a região e te ajudaram. Pode dar um exemplo dessa ajuda?

Esse caso narrado acima é um. Foi o Celso de Castro quem gravou e repetiu o som do saci. Normalmente eles não obedecem. Mas aconteceu. Outros amigos me ajudaram, às vezes me ligavam avisando da chegada de alguma ave, me levaram a vários bons lugares de ver e fotografar. Ecoavis – Ecologia e Observação de Aves é um grupo de apaixonados que promove excursões e debates sobre tudo que envolve as aves.

Na fazenda Macedônia foi feita a reintrodução de várias aves na natureza, um processo que começou na década de 1990. Essa fazenda, uma RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural), guarda 500 hectares de Mata Atlântica primária. Todas as fotos do Vale do Mutum foram feitas na área da fazenda?

Na Macedônia foram reintroduzidas várias espécies que já estavam quase extintas na região. Mutum, jacutinga, macuco, zabelê, uru capoeira, jacuaçu. Essa área acabou preservando outras muitas espécies que ali se viram protegidas. Muitas das fotos foram feitas na fazenda, mas viajei muito para várias outras localidades.

A Mata Atlântica é um dos biomas que mais sofre com o desmatamento ilegal. De algum modo seu livro reflete uma preocupação com esse tema?

Tem um texto que escrevi de introdução onde falo disso. O mais importante pra mim é mostrar o que existe e que diante da beleza não se destrói. Sabemos que a questão é séria. O extrativista do palmito, da madeira, o pescador, o caçador destrói em nome da fome. O paulista, em nome do progresso. Sopra o vento dos incêndios de outubro, veredas sangradas, cerrado abrasado. Um buritizal seco, morto, é o verdadeiro nome da miséria. Precisamos lutar pela vigência do licenciamento ambiental, cuja obrigatoriedade vem sendo derrubada por um projeto que tramita no Senado (PEC 265/2012).

Observar aves exige uma nova relação do ser humano com o tempo, não é mesmo? Que aprendizado você tirou dessas duas

experiências, em que ficou grandes períodos observando os pássaros?

Acho que virou hábito. Não faço mais nada sem ouvir o que está no entorno. É um tempo longo que passa voando. Aprender hábitos, exibições, migrações, período reprodutivo, construção dos ninhos. E a botânica nativa, que é apaixonante.

O Vale do Mutum fica no entorno do Rio Doce, no Leste de Minas. Em sua estada na região você tinha muito acesso ao Rio Doce? Qual sua reação no dia 5 de novembro de 2015, quando aconteceu a tragédia do rompimento das barreiras da Samarco, com a consequente devastação do Rio Doce?

Quem, como eu, já ouviu o coral das corvinas do rio das Velhas, o motor das piabas subindo rio puxando a piracema, viu matrinxãs prateadas dos dois lados em saltos olímpicos e surubins ruminantes consagrando a graça da manhã, diante de um desastre desse porte, sofre amnésia.

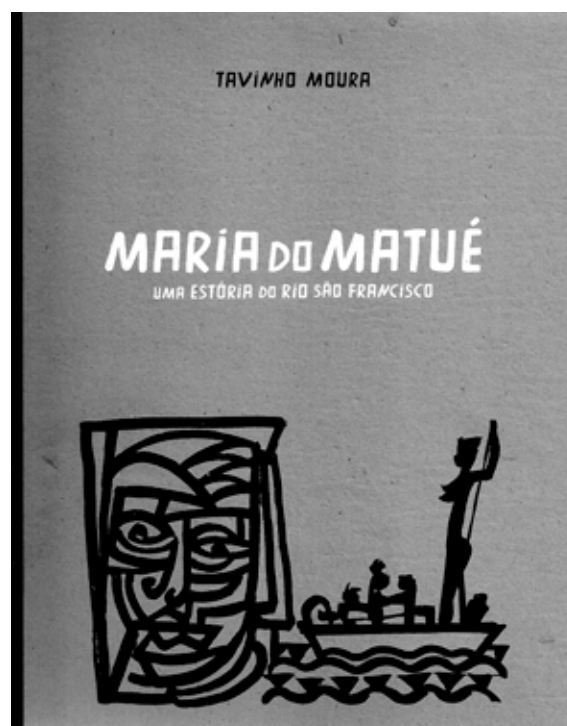
Tavinho, numa entrevista você falou isso, que achei muito precioso: “Nossa natureza é nossa pátria. Há um momento em que o Brasil inteiro canta, ou no começo do dia ou no final dele. Aves, cigarras, converso de insetos, esturro de onças. É preciso conhecer para amar”. Produzindo esses livros, você teve oportunidade de ouvir e observar todo esse movimento de sons de uma parte do país. De alguma forma, ter passado por essa experiência modificou alguma coisa em você?

Só fortaleceu. São prazeres, diversões que trazem sentido. Aventuras por onde a realidade é às vezes inacreditável. A riqueza da busca, da percepção acuidosa, e a sensação de se sentir observado.

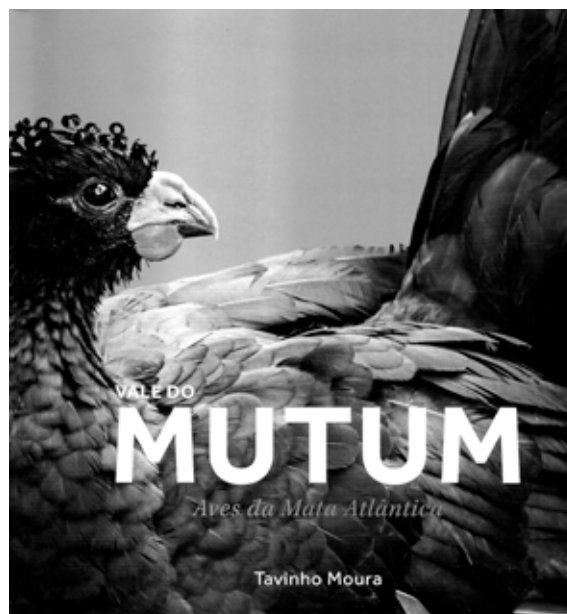
O ESCRITOR

Você mora há quase 30 anos na região da Pampulha, em Belo Horizonte, e tem um rancho onde o rio das Velhas se encontra com o São Francisco, no Norte de Minas. Ou seja, você vive em ambientes, digamos, mais naturais, em meio ao ritmo tortuoso da metrópole. Como concilia isso, de transitar entre o urbano e o rural, entre a cidade e o Grande Sertão?

Estou convencido de que ambos os lugares são abstratos. Minha diversão é o desassossego, quando estou num quero ir para o outro. A



Reprodução



gente pensa na cidade, os tantos benefícios, depois concebe outro lugar na beira de um rio com outras possibilidades. Tive que aprender a conjugar um com o outro. O negócio é que em ambos os lugares existem pessoas e procuro sempre a alegria de viver com elas. Ouvir a conversa dos pescadores na Barra, encontrar os amigos e a música em Belo Horizonte.

Maria da Matué é uma biografia imaginária de uma Maria resultante de muitas Marias que você conheceu ao longo da vida, mas especialmente Maria Gonçalves Medeiros, que faleceu em 2002, aos 93 anos. Ela vivia no seu rancho, e você conviveu com ela por duas décadas. O que há de mais marcante dessa personagem real que transparece no livro?

Ela quem deu a narrativa e o caráter da minha Maria.

O que se pode aprender da forma como Maria do Matué se relaciona com as mitologias da natureza e com o cotidiano de uma comunidade ribeirinha, à beira do Rio São Francisco?

Dona Maria era cultura própria. Gostava de feijão com quiabo, abóbora com manga verde. Ela e o rio se fundiam numa coisa só. Conhecia o comportamento do rio que se assemelhava ao dela. Era feita daquela natureza. Uma mulher que se estimava. Os se-

gredos da vida estavam dentro dela, quando era preciso, revelava um. Na convivência com o rio é que se conhece o caboclo d'água.

De algum modo sua experiência de viver em diversos locais do Norte de Minas, no período em que compôs trilhas sonoras de filmes, ajudou na construção do livro?

Evidente que sim, *Maria do Matué* é um exercício de memória. É um pouco do que pude ver, ouvir, guardado nessa região não se sabe se por razões antropológicas ou sociais: humanidades, culinária, crenças, idioma, mitos etc. As filmagens e também as pescarias. Dona Lourdes Moura em Conselheiro Mata, Dona Mercês em Montes Claros, Dona Vicentina no Rio Caririnha e Dona Roxa no Urucuia, todas Marias.

É verdade que a mata do Matué, imaginada por você, existiu no encontro do Rio das Velhas com o Rio São Francisco e foi descrita pelos viajantes Saint-Hilaire e Richard Burton como um dos cinco mais belos lugares do mundo – hoje, infelizmente, está extinta?

A mata descrita pela Maria do Matué existiu e segundo esses viajantes escritores era um dos lugares mais bonitos do mundo. Eu hoje faço caminhadas margeando pedaços do ela foi. As matas nativas que margeavam o rio das Velhas construíram cidades. Para Richard Burton, o rio das Velhas é que seria o São Francisco, por ser navegável e um rio de Mata Atlântica. O tributário seria o que nasce na Serra da Canastra.

“Rua do Cachorro Sentado” é o nome do CD que vem encartado no livro. O título é baseado no antigo nome da rua onde você tem seu rancho. Como você define a presença do CD no projeto do livro?

O CD foi uma invenção de última hora. Eu vinha compondo músicas com essa temática e foi Andrea Matos que conseguiu um dinheiro a mais e teve essa ideia de encartar um CD no livro. A grana era tão pouca que gravamos e mixamos em três seções apenas.

O que mais o impressionou observando o cotidiano das mulheres ribeirinhas?

Essa pergunta é capciosa. Reconhecer que aquele mundo é diferente. Dona Maria fazia a própria roupa. Fiava a linha, costurava com agulha de espinho e os pontos eram tão perfeitos que pareciam ter sido feitos à máquina. Verdureiras de rua dispunham ordenadas em roda nos game-lões as verduras. Alfices vinham por dentro fechando o primeiro círculo; depois cebolinhas e salsinhas de pé; outra roda, agora de couves, até fechar o meio com o roxo vistoso dos pés de beterraba. Eram seus jardins.

Gostaria de ressaltar um aspecto de sua escrita. Ela lembra, evidentemente, o universo de Guimarães Rosa, sem, no entanto, ser uma cópia da literatura de Rosa. Foi difícil para você construir o texto? Foi uma preocupação para você essa aproximação como autor de “Sagarana”?

O texto foi construído ao longo de cinco anos. O que há de rosiano é uma das palavras do título – Matué. Hoje percebo meu hermetismo, mas naqueles dias, por conta de D. Maria, eu achava bom. Matuta é – Matué. Não matuto de caipira, gente da roça etc, mas matuto de quem fica matutando. Assim que considerei pronto, o que é uma mentira, mas tinha que publicar, entreguei o texto a duas pessoas doutoradas em Guimarães Rosa e ambas falaram a mesma coisa: o palco é o mesmo, o rio também, mas o texto é pessoal e totalmente seu. Atribuem a Guimarães Rosa certa propriedade sobre a palavra e a geografia sertão, o que faz essa preocupação pertinente. Maria do Matué é para mim especial, matutei minhas ideias, depois escolhi cada palavra, cada frase, exercitei o pensamento, contei estórias que estavam guardadas na memória, lá no meu fundo.

DISCOS

“Como vai minha aldeia” (1978)
 “Tavinho Moura” (1980)
 “Cabaret mineiro” – trilha sonora (1981)
 “Engenho trapizonga” (1982)
 “Noites do sertão” – trilha sonora (1984)
 “Caboclo d’água” - instrumental de viola – (1992)
 “O aventureiro do São Francisco” (1994)
 “Diadorado” – instrumental de viola (1995)
 “Tavinho Moura e Fernando Brant – Conspiração dos poetas” (1997)
 “O tronco” – trilha sonora (1999)
 “Cruzada” (2001)
 “Trindade” - com Marcos Vianna e Carla Vilar (2003)
 “Fogueira do divino – Uma história do povo brasileiro” (2004)
 “Tavinho Moura e Orquestra Sinfônica de Minas Gerais” (2004)
 “Rua do Cachorro Sentado” (2007)
 “Minhas canções inacabadas” (2014)
 “Beira da linha” – instrumental de viola (2015)

TRILHAS SONORAS

“O homem do corpo fechado”, de Schubert Magalhães (1972)
 “Perdida”, de Carlos Alberto Prates Correia (1976)
 “Cabaret mineiro”, de Carlos Alberto Prates Correia (1980)
 “O bandido Antônio Dó”, de Paulo Leite Soares (1980)
 “Noites do sertão”, de Carlos Alberto Prates Correia (1983)
 “Idolatrada”, de Paulo Augusto Gomes (1983)
 “Dois homens para matar”, de Paulo Leite Soares (1984)
 “Minas, Texas”, de Carlos Alberto Prates Correia (1989)
 “Famigerado” (curta), de Aluizio Salles Júnior (1991)
 “Amor & Cia”, de Helvécio Ratton (1999)
 “O tronco”, de João Batista de Andrade (1999)
 “Castelar e Nelson Dantas no país dos generais”, de Carlos Alberto Prates Correia (2007)
 “O mineiro e o queijo”, de Helvécio Ratton (2012)

LIVROS

“Maria do Matué” (2007)
 “pássaros poemas” (2012)
 “Vale do Mutum” (2015)

FABRÍCIO MARQUES

mineiro de Manhauçu, é poeta, autor de *A fera incompletude* (2011), entre outros livros de poesia e jornalismo. Em 2015, lançou o livro-reportagem *Uma cidade se inventa* (Ed. Scriptum).